

POSFÁCIO À FLOR DA PELE

Entre a paleta e a pena, a pele. A flor da pele, o pelo. Essa réstia de animal, entre o que já não somos e o que ainda somos. Também aqui são reveladoras as etimologias, as histórias das palavras. Já nos textos medievais, “as penas” são pequenos aglomerados de pelos: há armazéns de penas que mais não são que entrepostos de peles. Dos pelos se fazem os pincéis, com que podemos pintar e escrever, ainda que depois eles se tornem as nossas canetas de tinta permanente, ou as nossas canetas nanquins, que ainda usamos para desenhar: sempre a pena é essa forma de passar de um texto para outro texto, de um suporte da imagem para outro suporte de imagem. “Pincel”, em italiano se diz ainda hoje “penello”, pequena pena. Da mesma forma que as nossas “pens” de USB retomam a ideia do instrumento de escrita ou de pintura. E no entanto, pincéis, penas e pens são continentes que, por metonímica, se transformam naquilo que transportam, os conteúdos.

1. Entre a forma e o conteúdo há uma prática mimética que excita a memória e dá razão a Crátilo. Muitas vezes as letras são desenhos e os desenhos são letras. Sempre houve muitas maneiras de interpretar o preceito de Horácio “ut pictura poesis”, de uma poesia como a pintura. Dizia Simónides de Cós, um dos primeiros filósofos que exemplificou o poder da memória, que a poesia é pintura sonora, e a pintura uma poesia muda. E assim as guardamos ambas na memória, porque a memória gosta de palavras que possa associar a imagens e imagens que possa associar a palavras. Este livro de Filomena Vasconcelos e Isabel Pereira Leite é um elogio dessa memória fácil, à flor da pele.

2. É à flor da pele que desenhamos e escrevemos quando queremos ser felizes. Como se a escrita ou a imagem fossem uma forma depurada de atingir a nossa superfície exterior, ainda que a raiz irrompa de uma matéria viva e musculada a que chamamos vida. A verdadeira cultura pressupõe sempre essa abertura para o outro, esse rasgar da carne de dentro para fora, que revelará talvez a nossa forma de respirar, de não morrermos por excesso de eu. Assim é este livro. Uma forma de encontro que se diz provável. A probabilidade dos encontros exige precisamente, de quem pinta ou de quem escreve, uma vontade de diálogo, um profundo interesse por um conhecimento a dois, baseado na diferença. Um diá-logo. Neste

livro, o ponto de partida é o quadro: como se de uma exposição se tratasse, os nomes dos quadros são os nomes das personagens dos contos: a sereia, os olhares na palma da mão, a noiva, os sete rostos, o jardim encantado, a cidade selvagem, as histórias do dia e da noite, antigamente na primavera, o cavalo na paisagem, a enigmática Ilha da Páscoa, as meninas a brincar no jardim, as flores numa chávena de chá, a rapariga da libelinha...

3.É à flor da pele que nos lemos, duas faces da criação. A oposição do masculino e do feminino, entre o pelo e a pele, é a mesma que existe entre o lago e a lagoa: como se a língua portuguesa teimasse em fazer do masculino uma força determinada e do feminino uma potência difusa. Exibição exterior, o pelo tem um preconceito masculino: cresce pontualmente, e para fora. Ponto de encontro entre o exterior e o interior, a pele tem um preconceito feminino: é alargada, quase indefinida. Lemos à flor da pele. Lemos duas mulheres, uma que pinta e outra que escreve. Mas de uma forma indeterminada e fértil, como se a leitura que fazemos fosse a de uma identidade que se encontra ainda em gestação. Santa Teresa de Ávila fala muito dessa alma que vai construindo, como se afinal nascêssemos somente com uma incipiente afirmação do pouco que somos, sendo mais importante o muito que podemos ser.

4.Também aqui se fala do que, ao ver ou ao ler, podemos procurar em outras tantas mais leituras e pinturas e músicas. Nas pinturas de Filomena Vasconcelos, predominam os seres híbridos e os retratos de tempos e espaços contrastantes: a sereia, entre o animal e o humano, os múltiplos olhares na palma da mão, mais do que a linha do destino, os rostos cruzados da enigmática Ilha da Páscoa, as improváveis flores numa chávena de chá, as histórias do dia e da noite, ou sete rostos guardados num só que se inclina... Semelhantemente curiosos são os *post-scripti* dos contos de Isabel Pereira Leite. A vontade de ir reler a Pequena Sereia, agora “com Sophia por perto”. A indicação de que Pearl Buck escreveu “A velha árvore” que nos faz querer dizer, como se fosse nosso, “lembro-me tão bem do prazer que senti ao ler esta história”. A proximidade das poesias de Nuno Júdice e as músicas de Wim Mertens e Irving Berlin e o céu à nossa espera. A luz dos olhos de Vinicius que nos fez ouvir Buarque, “quando a luz dos olhos teus e a luz dos olhos meus resolvem se encontrar”. E depois Rimsky-Korsakov e Gedeão. E os contos de Cervantes, Carroll, Stevenson, Defoe, Manuel António Pina. E os cantos de Albinoni, Mozart, Bach, Beethoven, Simon & Garfunkel, Lennon & McCartney... Nos quadros e nos *post-scripti*, a mesma gratidão pela diversidade.

5.É à flor da pele que sentimos. Os pelos do pincel ou da pena são os pequenos sensores de um corpo que não é o nosso mas é o que poderíamos ser se não fossemos só o que somos: o pincel e a pena são o que resta da pele de um animal híbrido, de um poeta pintor ou de um músico poeta que nos conta. Há nos quadros de Filomena Vasconcelos uma diversidade estilística que aceita generosamente escolas diversas: o daltonismo fauvista, a panóptica cubista, o cliché da cultura pop, a simplicidade da pintura “naive”, a linearidade da pintura africana, os estilhaços da luz impressionista... Tudo convive, porque tudo nasce naturalmente das mesmas cores primárias da paleta, dos mesmos movimentos básicos do pincel. Há nos contos de Isabel Pereira Leite uma polifonia dos sentidos, que espalha pelos textos sete rostos: a visão, a audição, o tacto, o olfacto, o paladar, a dimensão do tempo, e ainda a da imaginação. E também uma ironia constante, que faz coexistir (a maior parte das vezes, no mesmo conto) um semelhante fascínio pela construção e desconstrução do real que nos é proposto.

6.O avesso e o direito encadeiam-se num processo que anuncia o eterno retorno do amor e da arte: o amor da sereia pelo mergulhador faz adivinhar uma gloriosa forma de morrer, a morte de um castanheiro centenário é a vida de um quadro e de quem encontrou na pintura a forma de derrotar a morte. É à flor da pele que Xerazade entrelaça as suas histórias. Entre os quadros de Filomena Vasconcelos e os contos de Isabel Pereira Leite existe uma ligação que não é só a que se estabelece entre os quadros e os contos. Como numa tela, a textura é una, ainda que plural seja a direcção do fio. Como se fosse a sequência de um filme, o som do moscardo de um Jardim Encantado confunde-se com o escape da mota de uma Cidade Selvagem. O Paraíso mora na Realidade.

7.Do primeiro ao último quadro, do primeiro ao último texto, há uma ordem disciplinada. Do amor que anuncia a morte se passa para a morte que anuncia o amor, da superioridade do amor idealizado se passa para a superioridade do amor fragmentado, da fragmentação própria dos sentidos se passa para a unidade da vida, da unidade da vida para a hiperbolização do sonho, da hiperbolização do sonho para o mito literário, do mito literário para um sentido de religiosidade, de um sentido de religiosidade para a consciência de uma Natureza animada e sensível, da consciência dessa Natureza para uma ironia sobre a bondade do homem ou da mulher solitários, da ironia da solidão para o elogio da heteronímia, do elogio da

heteronímia para a subversão dos clichés, da subversão dos clichés para o amor que anuncia o amor...

Quadros e textos evoluem em espiral. Ainda que os nossos passos progridam em eterno retorno, nunca os nossos pés pisarão os mesmos pontos de partida. Conclusão do caminho? Talvez não haja felizmente. A única solução, tão adequada aos posfácios, é simplesmente re-ver, re-ler, para que tudo nos pareça diferente. O pincel aproxima-se da tela. A caneta do papel. Certo é, porém, que “o importante é confiar, mesmo que as respostas para as nossas interrogações não existam”.

Porto, 25 de março de 2021

Maria Luísa Malato

